

## O Sertão e o SerTao: o Imaginário sobre Deus e o Diabo no “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa

Clademilson Fernandes Paulino da Silva

---

### Resumo

O presente artigo, que procura dialogar religião-teologia e literatura, tem como principal preocupação e objetivo fazer uma abordagem das fontes religiosas e teológicas na construção do texto literário “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa. Essa abordagem, preliminar e introdutória, trabalha numa tentativa de observação de duas vias de interpretação para o romance: o sertão e o serTao; de onde nasce uma observação da vida, de suas crises, problemas e perdas e uma resposta, ou melhor, uma possível resposta religiosa (Deus e o Diabo) para as questões que essa vida apresenta (o bem e o mal).

Palavras-chave: Literatura, religião, teologia, taoísmo, cristianismo, vida, Deus e diabo.

---

### Abstract

The “Sertão” and beingTao: the Imaginary about God and the devil in “Grande Sertão: Veredas” of João Guimarães Rosa

This article that has as its aim to establish a dialogue between religion, theology and literature, has as its main concern and goal to discuss the religions and theological sources in the writing of “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa. This preliminary and introductory discussion, is tentative two-way interpretation of the novel: the *sertão* and the beingTao; from that comes an observation of live, its crisis, problems and losses and also an answer, that is, a possible religions answer (God and the devil) to life’s questions (good and evil).

Key-words: Literature, religion, theology, Taoism, Christianity, life, God and the devil.

---

### Introdução

“Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja [...]. Causa dum bezerro: um bezerro branco, eroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. [...] Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvido. Mataram. [...] O senhor tolere, isto é o sertão.”<sup>1</sup>

A intenção desse presente texto - como já dito acima no resumo -, intitulado de “o sertão e o serTao”, é o de caminhar sobre duas possibilidades de leitura do imaginário religioso dentro do romance “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa. É uma tentativa de ler e entender “o sertão” como expressão de lugar - num primeiro momento -, e também de vida, de religiosidade e, porque não, de teologia, já que é “no sertão”, segundo Guimarães Rosa, que se fala, “não do ponto de vista filológico e sim do metafísico, [...] a língua de Goethe, Dostoiévski e Flaubert, porque o sertão [segundo ele] é o terreno da eternidade, da solidão (...). No sertão, o

---

<sup>1</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.23.

homem é o eu que ainda não encontrou um tu; por ali os anjos e o diabo ainda manuseiam a língua.”<sup>2</sup>

Nesse primeiro momento, ainda introdutório, penso que também é preciso dizer, para clarear os objetivos do texto, que não é intenção afirmar, quando se usa no parágrafo acima a expressão *duas possibilidades*, de que o romance só possa ser lido ou por via de um desses imaginários: o sertão, ou por via do outro: o serTao, entendendo ambos, forças motrizes na criação do romance, como forças separadas. É preciso entender, e é essa a intenção desse presente texto, que os dois imaginários, juntos, lado a lado ou mesmo misturados, permeiam o romance de forma a evidenciar a sua força na construção da obra - força de criação -, e a sua realidade na mesma quando acabada. No entanto, antes de entrarmos nesses caminhos imaginários que nos são apresentados, é preciso verificar que o sertão, antes de qualquer coisa, é um lugar geográfico.

## 1. Sertão como Lugar Geográfico

É bem provável que uma das perguntas mais inocentes e, ao mesmo tempo, mais interessantes que se possa fazer diante dessa realidade é: onde fica o sertão? Digo que ela é, como pergunta, inocente, porque quem conhece a obra e a geografia nela apresentada, já identifica o interior de Minas Gerais, Goiás e o sul da Bahia como lugares reais e também *imaginativos* por onde se dá toda a estória narrada. É também, como pergunta, algo muito interessante, porque já no primeiro parágrafo do livro - parágrafo citado acima -, Riobaldo, o narrador e protagonista do romance, começa a delimitar o lugar onde seria o espaço geográfico do sertão e também a dizer que o mesmo não é apenas entendido por ele como lugar geográfico.

Diante da aparição “dum bezerro branco” com cara de gente e cara de cão, que logo é identificado como sendo o demônio e por isso também logo sacrificado; Riobaldo, de forma a prepará-lo para a realidade, pede ao seu visitante - ao seu ouvinte -, tolerância: “o senhor tolere, isto é o sertão”<sup>3</sup>; mesmo e apesar de alguns não quererem que seja<sup>4</sup>, já que o sertão é uma realidade que se apresenta na grosseria de um povo pobre, violento e supersticioso<sup>5</sup>, um “povo prascóvio”<sup>6</sup>. É por essa razão que alguns não querem que o sertão seja o lugar onde estão; pois ele, como lugar, é visto como uma espécie de região anacrônica, um lugar sem lei, terra de ninguém, onde manda quem é o mais forte<sup>7</sup>. O sertão, para os “civilizados”, não é onde é, o sertão é sempre alhures, é sempre num lugar distante, bem distante das cidades; é lugar aonde a civilização ainda não chegou e onde os sertanejos, caipiras ignorantes, habitam:

“Para os de Corinto e do Curuvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho...”<sup>8</sup>

<sup>2</sup> Beth BRAIT. Guimarães Rosa / Seleção de Textos, Notas, Estudos Biográficos, Históricos e Crítico. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1988. p.142.

<sup>3</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.23.

<sup>4</sup> “Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima”. Id. Ibid. pp.23-24.

<sup>5</sup> Cf. Francis UTEZA. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. p.65.

<sup>6</sup> Tolo, ingênuo. Nilce Sant’anna MARTINS. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001. p.395.

<sup>7</sup> Cf. Eduardo de Faria COUTINHO. *Em Busca da Terceira Margem: ensaios sobre o Grande Sertão: Veredas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.19.

<sup>8</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.24.

Contudo, o protagonista-narrador do romance não advoga essa mesma opinião; para ele o sertão não é apenas um espaço geográfico fixo, anacrônico<sup>9</sup> ou alhures; ele é sempre algo mais: “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte”<sup>10</sup>, ele [o sertão] é do tamanho do mundo”<sup>11</sup>. Na mente de Riobaldo o sertão não é um lugar de onde se possa tirar um mapa, não é apenas um espaço específico de terra; o sertão é o mundo, o sertão é um sentido e um sentimento, é uma reflexão, “o sertão é sem lugar”<sup>12</sup>, o “sertão é dentro da gente”<sup>13</sup>. O que o narrador conta, não é apenas o contar de sertanejo - aquele que vive no sertão -, é um contar de uma reflexão sobre a própria vida e seus mistérios de sertão e de serTao:

“Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! [...] Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só poucas veredas, veredzinhas.”<sup>14</sup>

Segundo Eduardo Coutinho, além de espaço geográfico - o que já fora dito -, o sertão também tem uma relação psicológica com aquele que nele vive<sup>15</sup>. Há uma relação existencial entre sertão e sertanejo. O homem e a sua terra relacionam-se com muita proximidade entre si, dialogam, co-existem, confundem-se. É, então, diante dessa realidade toda, que passo a entender que o sertão é *lugar*, mas também tem sentido psicológico, sentido de existência, de vida, de reflexão existencial. O sertão é o mundo e é a vida, o lugar e o espaço do sofrimento humano: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.”<sup>16</sup>

## 2. Sertão como Espaço de Vida e de Sofrimento

“Vida é sorte perigosa / passada na obrigação: / toda a noite é rio-abaixo, / todo dia é escuridão... / [...] O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.”<sup>17</sup>

<sup>9</sup> “O ambiente [...] do Grande Sertão: o sertão (o pampa) do Brasil, um mundo no dia da Criação, povoado por homens que ainda não perceberam as conseqüências do pecado original, que ainda não derrubaram as pontes para o paraíso.” Maria Aparecida Faria Marcondes BUSSOLOTI (org). *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.377. Correspondência de Curt Meyer-Clason – Anexo ao dia 24 de Novembro de 1966 – O ciclo de romances Corps de Ballet de João Guimarães Rosa, por Guenter W. Lorenz.

<sup>10</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.24.

<sup>11</sup> Id. Ibid. p.89.

<sup>12</sup> Id. Ibid. p.370.

<sup>13</sup> “Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. [...] Sertão: é dentro da gente.” Id. Ibid. p.325.

<sup>14</sup> Id. Ibid. p.116.

<sup>15</sup> Cf. Eduardo de Faria COUTINHO. *Em Busca da Terceira Margem: ensaios sobre o Grande Sertão: Veredas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.39.

<sup>16</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.302.

<sup>17</sup> Id. Ibid. p.334.

O sertão, além de lugar geográfico, é também terra de dor e sofrimento humano: “sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter dura nuca e mão quadrada”<sup>18</sup>; é lugar sem espaços para as alegrias da vida comum, “no sertão, até enterro simples é festa”<sup>19</sup>; é terra onde os filhos não têm pais: “órfão de conhecença e de papéis legais, é que a gente vê mais, nestes sertões”<sup>20</sup>; é a terra dos catrumanos<sup>21</sup>, os quase humanos. O “Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, *quando vier*, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...”<sup>22</sup>.

Quando da leitura do texto entendemos o sertão como mundo e vida, entendemos então a relação de Riobaldo com o sertão como sendo uma relação de um *sofrente* com o seu mundo e com a sua vida, que é, em si, o próprio sertão, lugar geográfico, espaço da vida e estado de reflexão. O Riobaldo que viveu o sertão e nele cumpriu com a sua travessia é aquele que reflete sobre ele [o sertão] no contar de sua estória de perdas e sofrimento, pois foi o sertão, segundo ele, que o produziu, o engoliu e depois o cuspiu do quente da boca<sup>23</sup>. É nessa realidade, realidade-ficcional de sertão, que Riobaldo constrói suas reflexões e conclusões sobre a vida e sobre a morte; sobre a felicidade e o sofrimento; sobre o bem e o mal; e, como não poderia deixar de ser, sobre Deus e o Diabo, o seu imaginário de sertão e de serTao.

“De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja.”<sup>24</sup>

Em parte pode se dizer que o romance é uma apresentação - um contar - da vida de um jagunço vivida em uma região inóspita do Brasil: os sertões de Minas, Goiás e sul da Bahia. Porém, é também possível dizer que sua reflexão sobre sua vida de sertanejo, homem do sertão, é também uma reflexão sobre o homem comum, que também sofre sua vida no seu sertão não mineiro, não geográfico, mas não menos real e sofrido.

### 3. O sertão e o serTao

Francis Utéza, explicando o título e o subtítulo do romance, afirma que ambos possuem relações e explicações que são dados no âmbito da religião<sup>25</sup>, onde conceitos orientais (o Tao) e conceitos ocidentais (cristãos-judaicos) misturam-se num mesmo e complexo contexto: o sertão, ou melhor, o grande serTAO. Por outro lado, Guenter W. Lorenz, escrevendo sobre a literatura de Guimarães Rosa, diz, a partir de outra leitura religiosa, que “nesse [mesmo] mundo trágico e cheio de tensão [o sertão mineiro] reinam deuses que só aparentemente recuaram ante o cristianismo, mas que, na realidade, são forças motrizes dele, em que ainda se fiam e

<sup>18</sup> Id. Ibid. p.126.

<sup>19</sup> Id. Ibid. p.74.

<sup>20</sup> Id. Ibid. p.57.

<sup>21</sup> São os homens mais retrógrados e incivilizados encontrados no romance. Id. Ibid. pp.399-404. Tem conotação depreciativa, é o caipira, matuto, sertanejo. Quadrúmano – leva à aproximação com o quadrúpede. “Os catrumanos encontrados por Riobaldo vivem na mais completa miséria, o que o leva a reflexões deveras significativas”. Cf. Nilce Sant’anna MARTINS. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001. p.108.

<sup>22</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.35.

<sup>23</sup> “porque aprender-a-viver é que é vier, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca...” Id. Ibid. p.601.

<sup>24</sup> Id. Ibid. p.232.

<sup>25</sup> Cf. Francis UTEZA. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. pp.55-56.

aos quais obedecem um povo e um continente inteiro”<sup>26</sup>. O sertão, nessa perspectiva, é de uma universalidade *pagã* ainda viva apesar do domínio cristão, o que é, segundo o autor, revelado por Rosa na sua literatura, principalmente no Grande Sertão: Veredas, onde os caminhos religiosos desse paganismo também são revelados. Já para Heloisa Vilhena de Araujo, outra autora que lê Rosa a partir da religião, é a teologia cristã (tomista) que sobressai na construção do romance. É o cristianismo, pensando em imaginário religioso e também teológico, a força de inspiração-criação que percorre todo o romance. A travessia de Riobaldo é uma *via purificativa*<sup>27</sup>, muito próxima da via de purificação do purgatório de Dante, com quem Heloisa dialoga Guimarães Rosa. O autor francês Utéza, menos otimista com relação ao domínio cristão, pelo menos no sertão de Rosa e nas concepções de Riobaldo, diz que, na verdade, no romance, dá-se, já no título e no subtítulo do mesmo, uma união entre esses imaginários - como já fora dito mais acima. Contudo, o subtítulo: “*o diabo na rua no meio do redemunho...*”, é a imagem do lugar *secundário* dado à tradição cristã-católica no romance, que é uma tradição proveniente de um conteúdo folclórico luso-brasileiro, onde se esconde a construção de um pensamento religioso católico com relação ao mal: a rua-arquétipo é o espaço do Diabo, figura que vem para “dividir, fazer mexer tudo o que está condensado”, para ser turbilhão na existência humana e para ser também “animador infatigável daquilo que, sem ele, seria apenas massa amorfa”<sup>28</sup>. Tentando ser mais neotestamentário, podemos dizer que ele veio para matar, roubar e destruir<sup>29</sup>; mas também para dar sentido ao que não tem sentido: o sofrimento humano. Francis Utéza vai ainda dizer que tal concepção nada tem de original, é Deus utilizando Satanás para atazanar a vida de Jó. Já o título: “Grande Sertão: Veredas”, carrega em si o conceito do TAO oriental – *yin e yang* – Grande Ser-Tao<sup>30</sup>. Para o autor “as veredas-oásis, que nos Gerais de Minas e de Goiás equilibram com fluidos a secura do sertão, tornam-se caminhos que levam ao conhecimento, ao princípio indiferenciado, ao *Tao* dos orientais”<sup>31</sup>. É pelas veredas<sup>32</sup>, somente por elas que se pode chegar ao pleno conhecimento da vida, da matéria vertente: “Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só poucas veredas, veredzinhas.”<sup>33</sup>

## Sertão e Religião: Conclusões

<sup>26</sup> Maria Aparecida Faria Marcondes BUSSOLOTTI (org). *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.378-379. Correspondência de Curt Meyer-Clason – Anexo ao dia 24 de Novembro de 1966 – O ciclo de romances Corps de Ballet de João Guimarães Rosa, por Guenter W. Lorenz.

<sup>27</sup> Heloisa Vilhena de ARAÚJO. *O Roteiro de Deus*. São Paulo: Mandarin, 1996. p.79.

<sup>28</sup> Francis UTEZA. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. p.57.

<sup>29</sup> João 10:10. Edição Contemporânea de Almeida. 1996.

<sup>30</sup> “Aliás, Guimarães Rosa pedia que assim se entendesse o título de seu livro, quando insistia em que a tradução alemã reduzisse o título a Grande Sertão, sem til”. Francis UTEZA. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. p.56. Apud João Guimarães ROSA; Edoardo BIZZARRI. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.150. Correspondência de João Guimarães Rosa – 07 de Abril Correspondência de João Guimarães Rosa – 25 de Novembro de 1963 de 1964 (Acrescentado à mão). “O “Grande Sertão: Veredas” sairá ainda este ano na França, com o título de “Diadorim”. E, também este ano, na Alemanha, com o título de (!): “GRANDE SERTAO”. (Sem til.)”.

<sup>31</sup> Francis UTEZA. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. p.56.

<sup>32</sup> As veredas, pequenos riозinhos, serviam e servem de trilhas para os sertanejos que precisam andar pelo seco sertão. Para Paulo Rónai, na citação feita por Utéza, o sertão, ou o grande sertão, é o caos inacessível que só pode ser conhecido a partir das veredas, único caminho possível no meio do caos; exatamente por onde, seguindo as margens das veredas, é que os jagunços caminhavam pelo sertão: “assim o sinal: entre os dois elementos do título teria valor adversativo, estabelecendo a oposição entre a imensa realidade inabrangível e suas mínimas parcelas acessíveis, ou, noutras palavras, entre o intuível e o conhecível”. Id. Ibid. p.56. Apud. Paulo RÓNAI. *Três motivos em GSV*. In: *Encontros com o Brasil*. Rio: INL, 1958. pp.151-158.

<sup>33</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.116.

É dentro dessa falta de consenso<sup>34</sup> entre os pesquisadores da literatura de Rosa, falta de consenso que se inicia já dentro do próprio romance, que caminha o imaginário sobre Deus e o Diabo no “Grande Sertão: Veredas”. Num primeiro momento, a pessoa de Deus e a pessoa do Diabo parecem estar muito bem separadas num maniqueísmo presente na realidade do *sertão*<sup>35</sup>: “Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja”<sup>36</sup>. Num segundo momento, mais evidenciado e mais abundante no texto, encontramos uma insuficiência na explicação maniqueísta de oposição entre Deus e o Diabo, entre o bem e o mal. Em muitos casos o bem e o mal são frutos de uma mesma fonte, ou ainda, de forma inexplicável, o bem se torna o mal e o mal se torna o bem:

“Mal haja-me! Sofro pena de contar não... Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal.”<sup>37</sup>

Além da reviravolta que bem e mal podem, de repente, dar na vida humana, em sua existência e em suas próprias ações:

“Aleixo [...] era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu. [...] Um dia, só por graça rústica, ele matou um velhinho que por lá passou, desvalido rogando esmola. [...] vem pão, vem mão, vem são, vem cão. [...] um ano passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram [...] – eles restavam cegos. O Aleixo [...] agora vive da banda de Deus. [...] Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles meninozinhos tinham?!”<sup>38</sup>

Esse imaginário sobre Deus e o Diabo de Riobaldo, num terceiro e último momento, não possui outro caminho que não um de uma compreensão por muitas *vias*: a do sertão e do serTao; o que me faz ficar tentado a diferenciar o sertão como a *via* cristã-católica - além da geográfica -, e o serTao como a *via* taoísta, reencarnacionista e kardecista, muito presente no texto. Fico mais ainda tentado a dizer que o sertão (mundo e vida) é, a partir dessa perspectiva, explicado pelo serTao (compreensão religiosa). Contudo para Riobaldo, personagem-autor, não é assim que o sertão se explica ou se exemplifica, o sertão não parece ter uma forma única de ser observado e entendido. Nem mesmo a forma e resposta religiosa do compadre Quelemém, mentor kardecista de Riobaldo, serve como exata e única explicação: “Como no homem que a

<sup>34</sup> Digo falta de consenso não porque haja um diálogo e uma discussão entre os autores para se identificar as fontes de influência da obra de Guimarães Rosa. Digo falta de consenso porque cada autor(a) vai trabalhar com uma ou mais fontes de influência - fontes bem diferentes -, e é até possível dizer que todos possuem razão. Mesmo assim não existe consenso.

<sup>35</sup> Essa reflexão sobre a relação entre Deus e o Diabo está tratada de forma melhor e com mais profundidade e tempo em outro artigo. SILVA, Clademilson Fernandes Paulino da Silva. *Deus e o Diabo no Grande Sertão de Guimarães Rosa*. (texto ainda não publicado).

<sup>36</sup> João Guimarães ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.33. É importante salientar que aqui o imaginário é kardecista, já que a contrariedade entre um e o outro está na forma de castigo usada para a punição do humano *reencarnado*; porém, não deixa de haver no texto uma divisão bem *dualista* entre Deus e o diabo, mesmo que a questão maniqueísta não esteja muito bem definida, já que não se sabe, ou não fica claro, de quem vem o bem e de quem vem o mal, ou ainda, o que é o bem e o que é o mal. No entanto, o elemento de dualidade está presente e mostra a oposição.

<sup>37</sup> Id. Ibid. p.27.

<sup>38</sup> Id. Ibid. pp.28-29.

onça comeu, cuja perna. Que culpa tem a onça, e que culpa tem o homem? Às vezes não aceito nem a explicação do Compadre meu Quelemém; que acho que alguma coisa falta”<sup>39</sup>.

A conclusão a que se pode chegar, é de que o sertão (mundo e vida) só se explica (a existência humana conturbada e sofrida) a partir de uma realidade onde não há conflito (Deus *versus* o Diabo – cristão-catolicismo) e nem há complementaridade (Deus e o Diabo – Tao<sup>40</sup>), mas sim na inexistência (do Diabo) e na inoperância (de Deus). O que “existe [no fim] é [o] homem humano. Travessia”<sup>41</sup>.

“Mas, medo, tenho; mediano. Medo tenho é porém por todos. É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa – uma só, diversa para cada um – que Deus está esperando que esse se faça. Neste mundo tem maus e bons – todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus. Mas, mais então, todos não serão bons? Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber de tudo, forma alma, na consciência; para penar, não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais porque. Digo ao senhor: tudo é pacto. todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar o que o “Que-Diga” existe. Que é que diz o farfla das folhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer.”<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> Id. Ibid. p.328.

<sup>40</sup> Os termos aqui seriam mais bem apresentados com bem e mal. Mas quero aqui entender Deus e o diabo como fontes do bem e do mal, muito mais do que sinônimos, sem contudo desprezar a essa idéia.

<sup>41</sup> Id. Ibid. p.624.

<sup>42</sup> Id. Ibid. pp.328-329.